

TERESINENSES



ORLANDO MAURÍCIO DE CARVALHO BERTI (org.)



EdUESPI
2020

ORLANDO MAURÍCIO DE CARVALHO BERTI
(org.)

TERESINENSES



EdUESPI
2020



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI

NOUGA CARDOSO BATISTA

REITOR

EVANDRO ALBERTO DE SOUSA

VICE-REITOR

NAYANA PINHEIRO MACHADO DE FREITAS COELHO

PRÓ-REITORA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO

GUSTAVO OLIVEIRA DE MEIRA GUSMÃO

PRÓ-REITOR ADJ. DE ENSINO DE GRADUAÇÃO

AILMA DO NASCIMENTO SILVA

PRÓ-REITORA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

PEDRO ANTÔNIO SOARES JÚNIOR

PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO E
RECURSOS HUMANOS

ROSINEIDE CANDEIA DE ARAÚJO

PRÓ-REITORA ADJ. DE ADMINISTRAÇÃO E
RECURSOS HUMANOS

RAIMUNDO ISÍDIO DE SOUSA

PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO E FINANÇAS

JOSEANE DE CARVALHO LEÃO

PRÓ-REITORA ADJ. DE PLANEJAMENTO E FINANÇAS

ELIENE MARIA VIANA DE FIGUEIRÊDO PIEROTE

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO, ASSUNTOS ESTUDANTIS
E COMUNITÁRIOS

MARCELO DE SOUSA NETO

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI



José Wellington Barroso de Araújo Dias **Governador do Estado**
Maria Regina Sousa **Vice-governadora do Estado**
Nouga Cardoso Batista **Reitor**
Evandro Alberto de Sousa **Vice-Reitor**

Conselho Editorial EdUESPI

Marcelo de Sousa Neto **Presidente**
Algemira de Macedo Mendes **Universidade Estadual do Piauí**
Antonia Valtéria Melo Alvarenga **Academia de Ciências do Piauí**
Antonio Luiz Martins Maia Filho **Universidade Estadual do Piauí**
Fábio José Vieira **Universidade Estadual do Piauí**
Hermógenes Almeida de Santana Junior **Universidade Estadual do Piauí**
Josélia de Carvalho Leão **Universidade Estadual do Piauí**
Laécio Santos Cavalcante **Universidade Estadual do Piauí**
Orlando Maurício de Carvalho Berti **Universidade Estadual do Piauí**
Paula Guerra Tavares **Universidade do Porto - Portugal**
Pedro Vilarinho Castelo Branco **Universidade Federal do Piauí**
Raimunda Maria da Cunha Ribeiro **Universidade Estadual do Piauí**
Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz **Academia Piauiense de Letras**
Autor **Revisão**
Autor **Capa**
Editora e Gráfica - UESPI **E-book**

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca Central da UESPI

T316 Teresinenses / Organizado por Orlando Maurício de Carvalho Berti. –
Teresina : EDUESPI, 2020.

E-book

ISBN: 978-65-88108-01-7

1. Jornalismo. 2. Jornalismo – Piauí. 3. Jornalismo – Universidade
Estadual do Piauí (UESPI). I. Berti, Orlando Maurício de Carvalho (Org.).
II. Título.

CDD: 079.822

Ficha Catalográfica elaborada pelo Serviço de Catalogação da Universidade Estadual do Piauí - UESPI
Ana Angélica Pereira Teixeira (Bibliotecária) CRB 3º/1217

Editora da Universidade Estadual do Piauí - EdUESPI
UESPI (*Campus Poeta Torquato Neto*)
Rua João Cabral • n. 2231 • Bairro Pirajá • Teresina-PI
Todos os Direitos Reservados

Ao bom Jornalismo.
Que ele continue sendo mais
importante que qualquer tentativa
de dicotomização da sociedade.

SUMÁRIO

O resultado da ação jornalística do alunado do Bacharelado em Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí - campus Poeta Torquato Neto (Teresina - PI)

Orlando Maurício de Carvalho Berti09

CAPÍTULO 1 - O rosto “invisível” por trás do enterro

Andressa de Sousa Carvalho Silva

Antonio da Silva Venancio.....18

CAPÍTULO 2 - O atleta e zelador que até mesmo sem salário dribla as dificuldades

Francisco Luanderson Rodrigues Lima

Vanessa Ariel Martins Brito de Matos.....28

CAPÍTULO 3 - As dificuldades e adaptações por qual passou um cego telefonista e professor

Arnaldo Alves da Costa Júnior

Clayton Gomes de Deus Filho35

CAPÍTULO 4 - José Ferreira Neto: o poeta solitário na multidão

Ana Laís Silva Carvalho

Viviane Santos Rocha.....43

CAPÍTULO 5 - A sanfona toca notas de superação

Jonas Carvalho de Oliveira

Liane Karollayne de Sousa Cardoso.....50

**CAPÍTULO 6 - Sara Alves e a sanfona: o
reencontro com um amor de infância**

Priscila Fernanda Feitosa Fernandes

Sebastião Pinheiro dos Santos Filho57

**CAPÍTULO 7 - De agrônomo a publicitário de
sucesso**

Glenda Alves dos Santos

Paulo Rogério Batista de Souza64

CAPÍTULO 8 - Pelo skate e pelo amor

Aline Maria Silva Sousa74

**CAPÍTULO 9 - Das batalhas nas ruas para os
palcos. Como o rap mudou a vida de João Victor**

Daniel Victor Oliveira Pessoa

Renato Rodrigues Pereira Dias81

O RESULTADO DA AÇÃO JORNALÍSTICA DO ALUNADO DO BACHARELADO EM JORNALISMO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - CAMPUS "POETA TORQUATO NETO" (TERESINA - PI).

Por:

Orlando Maurício de Carvalho Berti



O que um jornalista pode deixar de herança para a sociedade? Principalmente se ele é formado em uma universidade pública?

Uma das minhas grandes crenças é que uma das maiores funções de um profissional de imprensa é promover reflexão, debate e, no mínimo, possibilidades de ação e pensamento ao cidadão que lê, ouve, visualiza, interage ou faz tudo isso sobre as mensagens jornalísticas contemporâneas em suas mais diversas plataformas.

É assim que acredito sobre o Jornalismo. E, principalmente, são com essas concepções que tento ensinar e vivenciar essa maravilhosa área.

Era início do segundo semestre letivo de 2019. Pela terceira vez iria ministrar disciplinas para a turma *2018.1* do Bacharelado em Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí, campus Poeta Torquato Neto, em Teresina, capital piauiense. Era a segunda turma da História do curso.

Estreávamos o quarto período! Chegava o momento em que a turma iria para a parte mais prática, envolvendo as áreas do Jornalismo Impresso. Desde o período anterior, quando ministrei a disciplina *Fotografia e Fotojornalismo*, que pretendíamos deixar uma herança empírica e reflexiva para a sociedade, além do conhecimento que é obrigatório em nossas ações e estudos.

No segundo período letivo de 2019 fomos desafiados a ministrar duas (de cinco) disciplinas para o quarto período do curso de Bacharelado em Jornalismo.

Encaramos, vivenciamos e produzimos para as disciplinas de *Comunicação e Design Jornalístico* e também *Redação, Produção e Edição Para Mídias Impressas*. A primeira com carga-horária de 60 horas e a segunda de 90 horas.

Durante, praticamente, todas as semanas de agosto, setembro, outubro e novembro de 2019 eu e mais 27 alunas e alunos nos reuníamos em tardes e pedaços de noites para aulas, debates e vivências.

Eram disciplinas práticas.

Precisávamos escrever!

Necessitávamos agir e dar respostas à sociedade, lugar em que vivemos e atuamos!

Entre aprendizados, debates, estresses, cobranças, vivências e, com certeza, momentos de muita dedicação, pudemos escrever, evoluir nossas ideias, aprender sobre o outro e, notadamente, poder contar histórias.

Uma das grandes missões do jornalista, principalmente o contemporâneo, é relatar histórias, é destacar verdades e promover reflexões. Vou além, o bom jornalista da atualidade sabe interpretar, contar boas histórias, fazer análises e mediar a

informação de maneira a edificar quem se dá ao trabalho de consumir o que é jornalisticamente feito.

Como produto prático dessas ideias, e também do que vivemos em sala de aula, apresentamos o livro **Teresinenses**.

Esta obra, não ficcional e de caráter totalmente jornalístico, é composta por dez capítulos.

Este primeiro capítulo, que você lê agora, e é de apresentação e introdução. É a voz do professor que conduziu os trabalhos e organizou o livro e mais nove capítulos, cada um deles com uma reportagem.

Cada um desses nove capítulos aborda um personagem que vive e atua em Teresina, capital do Piauí. Procurou-se desvelar o mundo dos invisibilizados, das pessoas que raramente são destacadas e retratadas em matérias jornalísticas. Procuramos retratar os silenciados, mas todos com grandes histórias a serem contadas.

Claro que é impossível trazer todos os teresinenses e os invisibilizados, todas as nobres pessoas que diariamente, a seu modo e esforço, constroem a capital piauiense, uma cidade feita de migrantes, de sonhos e de realizações.

A escolha dos personagens foi realizada por livre indicação dos autores das reportagens, sendo que em somente um deles houve uma sugestão direta do professor, visto que o personagem que seria

relatado na primeira história terminou por não dar certo.

A única exigência era que os personagens atuassem na capital do Piauí, não necessariamente precisando ter nascido em solo teresinense.

O que veremos é um dos livro-reportagens mais completos já escritos por acadêmicos no Piauí. Leremos bons textos, em suas diversas matizes, que buscam descortinar esses personagens e mostrarem, entremeio a seus anonimatos, histórias interessantes, bons exemplos e momentos de pessoas que tentam fazer acontecer.

Dos nove capítulos das reportagens temos o primeiro “*O rosto “invisível” por trás do enterro*”, de autoria de Andressa de Sousa Carvalho Silva e Antonio da Silva Venancio. Ele nos traz as histórias e curiosidades da vida do coveiro José Rodrigues de Sousa, que trabalha em um dos maiores cemitérios da capital do Piauí. Falar de morte é complicado. Quem trata com ela diariamente tem a contar o quê? Ele destaca histórias de preconceito, emoção e de como, enterrando corpos e cuidando de sepulturas conseguiu criar três filhos, sendo que dois estão na faculdade.

O segundo capítulo, “*O atleta e zelador que até mesmo sem salário dribla as dificuldades*”, de autoria de Francisco Luanderson Rodrigues Lima e Vanessa

Ariel Martins Brito de Matos, nos remete à história do auxiliar de serviços gerais e maratonista Enéas Ferreira da Silva, conhecido por *Teinha*. A reportagem destaca como ele, em uma vida de superações, dificuldades e muita ação, divide seu tempo entre a simpatia, limpeza dos banheiros da Universidade Estadual do Piauí e a paixão pelas corridas.

Já o terceiro capítulo, “*As dificuldades e adaptações por qual passou um cego telefonista e professor*”, feito por Arnaldo Alves da Costa Júnior e Clayton Gomes de Deus Filho, enfatiza a história de Cleiton Lopes Viana, que é professor, telefonista e desde os 12 anos de idade é cego. O texto mostra as incríveis visões de Mundo desse personagem e como ele supera preconceitos, nos dando uma grande lição de vida. Mostra seu dia a dia, sonhos e traz um grande debate sobre a necessidade de termos uma sociedade mais inclusiva.

No quarto capítulo, “*José Ferreira Neto: o poeta solitário na multidão*”, escrito por Ana Laís Silva Carvalho e Viviane Santos Rocha, desvela a história do último remanescente da venda de livretos de poesia no Shopping da Cidade, local de comércio popular de Teresina. Entremeio a tantos problemas de uma sociedade que pouco lê e ainda pouco valoriza a arte, esse teresinense nos dá diversas lições e nos

emociona por sua simplicidade e incentivo ao conhecimento.

O quinto capítulo, “*A sanfona toca notas de superação*”, feito por Jonas Carvalho de Oliveira e Liane Karollayne de Sousa Cardoso, enfatiza a história do Ceguinho do Metrô, o mais novo em vida de teresinense entre os relatados neste livro. Francisco Anísio Correa de Castro mostra sua história de superação entre o trabalho diário de divertir, entreter e ganhar moedas de quem circula pelo Metrô de Teresina. Esse fortalezense conta porque veio residir na capital piauiense e como se desloca diariamente da zona rural teresinense para seu trabalho artístico no transporte público da capital. Destaca seu maior sonho e fala de suas músicas.

Já o sexto capítulo, “*Sara Alves e a sanfona: o reencontro com um amor de infância*”, escrito por Priscila Fernanda Feitosa Fernandes e Sebastião Pinheiro dos Santos Filho, conta a história dos sonhos de uma jovem artista teresinense que tenta, por meio da música, evoluir, agir e viver o baião, inclusive quebrando preconceitos. Este texto é, dos nove capítulos, o único a retratar uma teresinense.

No sétimo capítulo, “*De agrônomo a publicitário de sucesso*”, de autoria de Glenda Alves dos Santos e Paulo Rogério Batista de Souza, conta a

história, por meio de xícaras de café, do publicitário Fernando Campos Cavalcante. Destaca os momentos iniciais da profissionalização da publicidade e propaganda no Piauí, bem como sua história de formação de nomes do mercado da comunicação piauiense. Fala também sobre as andanças dele pelo Piauí e reflexões sobre a publicidade teresinense, ontem e hoje.

O oitavo capítulo, “*Pelo skate e pelo amor*”, feito por Aline Maria Silva Sousa, relata a história de como o educador James Piva usa o skate para transformar vidas não só em Teresina. Por meio dessa prancha de quatro rodas consegue, via projeto social, modificar para bem a vida de crianças em situação de vulnerabilidade social.

Já o nono e último capítulo, “*Das batalhas nas ruas para os palcos. Como o rap mudou a vida de João Victor*”, escrito por Daniel Victor Oliveira Pessoa e Renato Rodrigues Pereira Dias, enfatiza a história de lutas, culturas, vivências e curiosidades da vida do jovem João Victor Carvalho, um artista que utiliza a cultura hip hop para compartilhar as vozes da periferia da capital do Piauí. O texto traz uma descrição reflexiva da periferia Sul de Teresina e uma análise sobre uma capital de várias capitais, de uma periferia que quer e tem voz, mesmo muitas vezes não sendo escutada.

Os acertos deste livro credito integralmente para as alunas e os alunos, jovens (em idade e pensamento), que batalharam, passaram horas, dias e dias trabalhando, apurando, redigindo, fotografando, escrevendo, reescrevendo e tentando fazer o bom Jornalismo (sim, com maiúsculo mesmo).

Os erros credito à minha pessoa. Mas se eles existirem, e sempre existirão, nunca foram por omissão, mas pela tentativa de acertar. E se não acertamos, as críticas e sugestões são mais que bem vindas, pois ajudarão os próximos livros a serem melhorados e as próximas histórias mais bem contadas.

Podem ter certeza, virão dezenas de outros.

Enquanto isso, boa leitura!

CAPÍTULO 1

O ROSTO “INVISÍVEL” POR TRÁS DO ENTERRO



Por:

Andressa de Sousa Carvalho Silva

Antonio da Silva Venancio

No cemitério mais antigo de Teresina - PI, o São José, na zona Norte da capital, é normal encontrarmos com frequência visitantes que procuram túmulos de pessoas que tiveram grande notoriedade como políticos, artistas e membros de famílias tradicionais. No entanto, não é nada comum enxergarmos o outro lado do luto, ou seja, aqueles que, diariamente, têm o local como seu ambiente de trabalho.

Apesar de não ser um espaço agradável, é possível encontrar satisfação nessa rotina.

Dentre esses trabalhadores, o teresinense José Rodrigues de Sousa, 60 anos, que presta serviço à Prefeitura Municipal de Teresina, através do Consórcio Teresina Ambiental - CTA, colabora como coveiro nos cemitérios da capital há 28 anos.

Com o carrinho de mão e uma pá aproveita o dia em que não há sepultamento agendado para realizar a manutenção do local. Timidamente, e com o olhar de aflição, encosta-se a uma sombra para nos receber. Mesmo sem querer interromper o seu serviço começa a contar sua história.

Trabalhando em regime de plantão, doze por trinta e seis horas, José Rodrigues inicia sua rotina às 5h da manhã. Desloca-se do bairro Matadouro (zona Norte) para o bairro Matinha (também na zona Norte) onde fica localizado o Cemitério.

Iniciou seus trabalhos em cemitérios como capinador. Passou dez anos realizando essa função no São José. “Eu já era empregado quando perguntaram se eu queria ser coveiro. Como já fazia enterros, aceitei”.

A trajetória como coveiro começou no Cemitério da Santa Maria da Codipi (zona Norte), onde passou dez anos. No Cemitério do bairro Buenos Aires (também na zona Norte) trabalhou oito anos. Em 2009, foi transferido de volta para o São José.

Já diz o ditado popular: “a primeira vez a gente nunca esquece”.

José Rodrigues não sabe quantas pessoas já sepultou ao longo desses 28 anos, mas lembra da emoção que sentiu no primeiro enterro que realizou. “Era um bebê com poucos meses, eu estava tremendo quando peguei o caixão”, e acrescenta que na época era pai de uma criança de um ano.

Caminhava duas a três léguas (o equivalente a quase 15 quilômetros) para chegar à escola, estudou até a oitava série quando largou os estudos para trabalhar. “Ou trabalhava ou não comia”. Casou-se aos 16 anos com Maria do Rosário, que no tempo tinha 14 anos. Hoje eles têm três filhos: Laís de Sousa, Raimundo de Sousa e Laércio de Sousa, adotado. É com emoção que fala do orgulho que sente pelos filhos e os cinco netos.

Na sua família é o único coveiro e com o intuito de que os filhos não herdassem a sua profissão, educá-los sempre foi sua prioridade. “Minha filha é advogada, o outro faz Direito. Tem um que mora em São Paulo – SP e quer me tirar dessa profissão, mas eu faço questão que ele não trabalhe, por enquanto, só estude”, conta confiantemente.

José Rodrigues sempre teve como principal fonte de renda os trabalhos do cemitério e é com esse recurso que ajuda seus filhos. Hoje considera que “não tem nada”, mas se orgulha da área que escolheu para trabalhar e honra o que faz.

O cemitério São José conta com quatro coveiros plantonistas, dois por plantão, e segundo Rodrigues, o trabalho é realizado igualitariamente, exceto no período que algum está de férias. “Esse mês estou sozinho”.

Quando iniciou os sepultamentos, relata que gastava uma hora para cavar cerca de 1,80 metro de profundidade. Atualmente, os enterros são realizados em gavetas, duram aproximadamente 20 minutos e são agendados.

Além dos sepultamentos e manutenção do local, Rodrigues também realiza exumações – retirada dos restos mortais de alguém do local onde ele foi sepultado para transferi-lo para outro espaço ou para a realização de perícias criminais. É um

trabalho bem delicado e perigoso, caso fique alguma parte do corpo fora, pode gerar punição. Segundo ele, o ser humano tem mais valor depois de morto do que vivo.

Cada túmulo do Cemitério São José, tem, no máximo, cinco gavetas. Cada gaveta tem, aproximadamente 2,5 metros. Alguns jazigos, com três ou quatro pessoas já enterradas, podem ser reutilizados a cada cinco anos e os restos mortais são enterrados embaixo da gaveta.

“Não é fácil, mas já estou acostumado”, disse apontando para um túmulo.

Nessa trajetória, realizou o sepultamento de políticos. Destaca, com pêsames: Dirceu Mendes Arcoverde (ex-governador) e o professor Wall Ferraz (à época prefeito de Teresina e um dos maiores políticos do Piauí no Século XX), assim como parentes do deputado federal Átila Lira. “Eu já enterrei muita gente rica e poderosa aqui”.

Apenas uma vez enterrou um familiar. Quando seu sobrinho faleceu estava de plantão e com lágrimas nos olhos conta que ao descer o caixão na cova não aguentou.

A pedido do chefe foi para casa. Para Rodrigues, jovens e crianças são casos de bastante emoção e em alguns não se conteve. “Ninguém é de ferro”.

São plantões assim que o fazem quebrar tabus a respeito da profissão. Dizeres populares afirmam que o coveiro é o único que está preparado para morte quando na verdade ninguém se prepara. “Não nos acostumamos com essa fatalidade”. Com o coração aberto, Rodrigues expõe seus sentimentos e momentos dolorosos que já presenciou.

“Eu já chorei muito. Alguns enterros irei levar para o resto da minha vida. Nunca irei me esquecer de clamores que ouvi e já senti. Isso dói. Quem que não sente? Temos sentimentos sim!”, afirma, comovido.

Nesses 28 anos sepultando e assistindo perdas, cenas de desespero fazem parte da sua rotina. Emocionado lembra-se dos mais variados sepultamentos que realizou. São histórias que repercutiram na mídia local, brigas de jovens em bairros e assassinatos. De uma forma ou de outra sempre fica sabendo a causa do óbito e ajuda além do seu serviço.

Sentimental assumido, conta das inúmeras vezes que consolou famílias e que nem sempre consegue conciliar o lado profissional com o emocional. Recordar-se de um enterro que aconteceu recentemente quando chamou uma pessoa desconsolada para um canto e disse: “Eu sei pelo que você está passando”. Como retribuição a pessoa

respondeu: “Você tem coração, eu lhe agradeço por você ter me consolado”. Essas palavras penetraram no mais íntimo de Rodrigues que o marcaram fazendo acreditar que existem pessoas boas nessa vida.

O coveiro caracteriza a profissão como algo bom, um trabalho como qualquer outro, porém não valorizado. Encostando-se a uma lixeira cheia de caixas de velas vazias, afirma que sofre preconceito por conta do seu serviço. “Ninguém quer isso”. Segundo o profissional, para trabalhar com mortos tem que ter “muita cabeça”.

Mostrando a localização do túmulo, conta que outro dia realizou o sepultamento de um homem de classe social elevada quando, no final, as irmãs do falecido chegaram até ele e disseram: “Você trabalha em uma área tão *coisada*” e demonstraram preconceito. Algumas pessoas se afastam quando o veem suado, outras passam e não o cumprimentam nem com um “bom dia”.

Mesmo observando o preconceito quanto a sua profissão, enfatiza que já se acostumou. José Rodrigues tem convicção da sua importância na sociedade e diz que, apesar de muitos não darem importância, dá valor a sua ocupação.

“Todos precisam de todos, ninguém vê isso”, conta.

Por outro lado, reconhece aqueles que conseguem enxergar e valorizar seu trabalho. Para ele, não existe agradecimento melhor que um “muito obrigado” e um “aperto de mão”. Existem pessoas que chegam com uma merenda, um agrado e é através desses gestos simples que encontra orgulho e felicidade.

“Após o falecimento, todos vão para o mesmo lugar”. Essa a certeza que ele possui. Quando chega “a hora certa”, não tem para onde fugir.

Alguns enterros são movimentados, outros menos e nesses processos é que casos curiosos acontecem dentro do cemitério. Rodrigues cita que já presenciou, durante o enterro, famílias brigarem pela herança enquanto o corpo ainda se encontrava em cima da terra. Ele pensa: “Minha gente para quê isso?”, e ressalva que, após a morte, todos se igualam e vão parar ali.

Com o sorriso frouxo, afirma que graças a Deus nunca viu nenhum tipo de assombração. Quando guia visitantes para algum túmulo sempre escuta: “Me espere que tenho medo”. Em contrapartida ele sempre fala: “A senhora deveria ter medo é dos vivos, os mortos não irão lhe ofender”, sorri.

Após o almoço, costuma descansar em cima de alguma sepultura, sempre à sombra das frondosas árvores do cemitério, e as pessoas sempre falam:

“Tem muita coragem”. Contudo, reforça que trabalhar em cemitérios não faz medo nenhum.

Ainda existe o mito que a renda dos coveiros varia de acordo com a quantidade de sepultamentos, o que não é verdade. Segundo o profissional, o período que tem mais enterros é no final e começo do ano, especificamente dezembro e janeiro. “O trabalho aumenta, mas o salário é o mesmo”, explica.

Com tempo de serviço para se aposentar, Rodrigues afirma que ainda não pensa em deixar a profissão. Nas folgas prefere ficar em casa, mas sempre fazendo algo. A esposa “briga” para ele parar e descansar, mas não tem jeito.

Com ousadia, relata que não leva nada do trabalho para casa e nada do lar para o serviço. Durante o plantão a esposa e os filhos sempre ligam para saber se “está tudo calmo e como anda o trabalho”.

Diferentemente do início da nossa conversa, Rodrigues encontra-se com o olhar tranquilo e bem mais solto. De forma extrovertida e despojada demonstra a alegria e satisfação que tem com sua família, seu trabalho e como, mesmo se considerando pobre de dinheiro, consegue ajudar ao próximo.

Uma vida com respeito, dedicação e verdade retrata as expressões do trabalhador que não sabe se ainda tem sonhos, pois seu maior objetivo se realizou

na educação dos seus filhos que tanto admira. A força e a vontade de viver não impedem de várias vezes, entre um enterro e outro, ele pensar na sua hora. “Já enterrei tanta gente e amanhã poderá ser eu. Claro que todos têm medo de morrer, mas um dia a gente vai. É nosso destino”, finaliza.

José Rodrigues faz parte dos milhares de coveiros espalhados pelo mundo, inclusive por nossa Teresina, que vemos, mas não percebemos. Sua atividade permite que a rotina, de forma geral, aconteça de maneira segura e adequada. É necessário olharmos com atenção o cotidiano de profissionais que estão sob a ótica da inviabilidade social que, em sua maioria, transmitem experiências, respeito e responsabilidade.

CAPÍTULO 2

O ATLETA E ZELADOR QUE ATÉ MESMO SEM SALÁRIO DRIBLA AS DIFICULDADES



Por:

Francisco Luanderson Rodrigues Lima

Vanessa Ariel Martins Brito de Matos

Enéas Ferreira da Silva, 52 anos, é zelador da Limpel Serviços Gerais, empresa que presta serviços terceirizados à UESPI – Universidade Estadual do Piauí. Mais conhecido por *Teinha* ele divide seu tempo entre a recolha de lixo e limpeza dos banheiros do principal campus da universidade (Poeta Torquato Neto) com a vida de atleta.

É um teresinense, é um guerreiro, é um sonhador, é um homem de ação.

Nestas próximas linhas, conheceremos um pouco de sua história.

Ao encontrar com Enéas da Silva deparamos em suas mãos uma cesta básica e duas garrafas de suco. Nessa época, como quase sempre na história dos servidores terceirizados da UESPI, os mesmos, há meses, não recebiam salários em dia. Precisavam ser ajudados por professores e alunos.

Mesmo com o salário atrasado: é um dos primeiros que chega e um dos últimos que sai.

Trabalhando há nove anos como funcionário de serviços gerais, Enéas Ferreira passou por outras prestadoras terceirizadas até firmar-se na Limpel. Segue a função na jornada de oito horas diárias, de segunda-feira a sexta-feira. Aos sábados trabalha em meio expediente, no período da manhã.

Conhecido dentro da Universidade e respeitado por todos ao seu redor, ignorando as dificuldades

financeiras, os atrasos de salários, a falta de compromisso do Governo do Estado em sua vida, Enéas, ou *Teinha*, transparece ser um homem maduro, forte e feliz.

“Os problemas trabalhistas que passamos é o meu maior desafio”, comenta, quase sempre tendo poucas palavras para falar. Ele é um homem muito tímido.

É válido ajudar quem se mostra tão prestativo. Em todos os cantos da Universidade podemos encontrar vários Enéas, literalmente falando, como alguém que zela pelo nosso espaço público e muitas vezes passa despercebido por quem circula por lá, ou até mesmo a simbologia do cidadão representante de uma frente de luta, daqueles que tentam alcançar melhorias, e, no entanto estão lá apoiando, fazendo a diferença na preservação do bem público.

Vestido em uma farda padrão do setor de limpeza da Universidade (calças e camisas de brim, já surradas pelo tempo e uso), Enéas Ferreira da Silva é um homem de incompleta formação. Saiu da escola na 5ª série do ensino fundamental (antigo Ginásio). Viveu uma época de ouro, valiosa, marcada por momentos inesquecíveis, como ele relatou. Talvez a distância dos estudos e a carência de muitas oportunidades o fez enveredar nos caminhos encontrados até hoje.

Enéas Silva perdeu os pais há alguns anos. Nascido em Teresina, filho de sete irmãos dentre eles um falecido, o zelador e atleta foi criado no bairro Água Mineral, zona Norte da Capital Piauiense, situado a cinco quilômetros da UESPI, seu local de trabalho. Enéas afirma às vezes ir de bicicleta ou correndo quase que diariamente no trajeto casa-trabalho-casa para não perder o ritmo do atletismo. Sua timidez escondeu que muitas vezes esses percursos a pé se dão por não ter dinheiro para pagar um transporte público.

“Na minha infância, eu era chamado pelos familiares de Pé de Vento”, afirma. Conta que sua mãe o mandava ir ao comércio comprar algo, desse modo ele ia e voltava correndo para chegar mais rápido em casa. Foram nessas idas e vindas nas redondezas de casa que despertou um olhar diferente para o campo esportivo.

Enéas Ferreira da Silva começou no atletismo em 1988, aos 18 anos. Em sua primeira corrida relata ter ficado em segundo lugar, no qual participa de competições anuais. Costuma dividir os horários de agente de limpeza com os treinos nas grandes avenidas da cidade, como a Marechal Castelo Branco e a Raul Lopes.

Comenta que a interdição devido à construção da nova pista de atletismo da UESPI o impede de

correr dentro do campus como fazia nas horas vagas do trabalho.

Atualmente Enéas vive em casa alugada. Possui um relacionamento de 16 anos. Conheceu sua companheira em uma festa.

Ele tem um filho já adulto, de 24 anos, oriundo de outro relacionamento. Seu filho já terminou o Ensino Médio e também engajou na carreira de esporte. É lutador de jiu-jítsu e segue trabalhando como segurança em festas e eventos.

No filho Enéas afirma que sonha em vê-lo brilhar na carreira de lutador e crescer profissionalmente sendo reconhecido naquilo que ama. Como atleta não faltam vibrações positivas e torcidas para que tudo dê certo na carreira profissional de seu filho único.

Negro, pobre, zelador, quase socialmente invisível, sim! Características marcantes que poderiam exalar a discriminação e a exclusão social, mas, fazer parte desta estatística, só torna Enéas Silva um homem forte. Segundo ele, nunca sofreu qualquer tipo de preconceito dentro e fora da Universidade, muito pelo contrário, sempre é tratado como alguém de exemplo e superação.

Considera-se cristão, membro da Igreja do Evangelho Quadrangular, onde participa dos cultos algumas vezes ao mês. Abraça a religiosidade como

algo íntimo e muito importante para a família, pois, apegar-se a fé, o faz ser alguém mais leve e amoroso com o próximo.

Enéas Silva afirma que se o mundo tivesse menos violência e mais paz seria bem melhor.

Em uma projeção de desejos futuros, Enéas sonha em continuar sua vida de atletismo, firme e forte, pois é um apaixonado pela corrida. Seu maior prazer nas horas vagas de lazer é correr. Talento que o fez ser sensato, maduro e determinado.

Sua ideia de felicidade é estar em paz. “Sempre procuro ajudar o próximo, mesmo com o pouco que tenho”, afirma.

Percebe-se no olhar de Enéas Silva, características de um homem preocupado e, ao mesmo tempo, radiante, pois ele vive cantando por onde passa. É um exemplo de simpatia e motivação de resistência, pois ele, independentemente das dificuldades trabalhistas lhe oferecidas, comparece para preencher de alegrias o Campus Poeta Torquato Neto.

O medo de tanta maldade que acontece no mundo, faz parte de uma das suas preocupações. O atleta e zelador, se mostra inquieto com violência e aquele fato negativo que transparece em qualquer tipo de preconceito: a injustiça. A mesma enfrentada por ele dentro do próprio trabalho, prestando serviço

sem ao menos contar com o mínimo de subsistência para sustentar seu lar.

Algumas empresas terceirizadas passam por dificuldades econômicas no Piauí, no entanto, essas dificuldades pelas quais muitas vezes desanimam os funcionários parecem não atingir o bom humor e a hospitalidade deste guerreiro que ainda encontra energia para correr nas horas vagas.

“Um dia quero ser lembrado pelo o que corri nas pistas, e servir de exemplo e incentivo as gerações nas quais começam no esporte” comenta Enéas Ferreira da Silva.

Nosso zelador e atleta composto por uma história de resistência, superação e otimismo, que apesar das dificuldades, demonstra ser um ser humano ímpar, feliz, radiante com seu jeito de encarar a vida e olhar com respeito ao próximo.

CAPÍTULO 3

AS DIFICULDADES E ADAPTAÇÕES POR QUAL PASSOU UM CEGO TELEFONISTA E PROFESSOR



Por:

Arnaldo Alves da Costa Júnior

Clayton Gomes de Deus Filho

“Não tenho a sensação de viver na escuridão. Pelo contrário, através dos estudos em braille consegui romper barreiras e transformar minha vida”. Essas são as palavras de Cleiton Lopes Viana, de 44 anos, deficiente visual desde os 12 anos de idade. Embora cego, atualmente é servidor público exercendo a função de telefonista da Universidade Estadual do Piauí – UESPI – há 12 anos. Também é professor, desde 2002, da Associação dos Deficientes Visuais de Timon, no Maranhão (ADEVIT).

Companheiro de Alzair Marques, de 41 anos, que não tem qualquer tipo de deficiência, há quase 20 anos, mas casado há apenas quatro, Cleiton Lopes tem dois filhos com sua esposa, sendo um do casal, Gabriel Marques, de 15 anos, e um enteado, Mateus Marques, de 19 anos, fruto de outro relacionamento dela, mas que é tratado como filho próprio por ele.

Nascido em Picos, no interior do Piauí, em 4 de março de 1975, o professor e telefonista sonhava em ser piloto de avião quando era mais jovem, mas teve o sonho impossibilitado após ser diagnosticado com Glaucoma.

Passou por sete cirurgias que tinham como objetivo adiar a perda da visão, visto que o quadro era irreversível.

Em uma noite Cleiton Lopes dormiu com visão. Acordou no outro dia totalmente sem.

A deficiência visual interrompeu sonhos e o obrigou a passar por adaptações em sua vida, principalmente no que se refere à locomoção e ao braile, um sistema de leitura para pessoas cegas ou de pouca visão. Graças a esse sistema, Cleiton Lopes pode ler em telas de eletrônicos adaptados, como computadores e celulares.

Toda a adaptação obrigatória e necessária que o jovem de 12 anos teve de passar na época comprometeu sua infância e seus gostos por esportes, correr e brincadeiras tradicionais da época.

Amante da televisão e das corridas de carros e filmes que nela são transmitidos, o apreço pelo meio de comunicação continua intacto e até mais intenso após ficar cego, embora agora sua audiência seja dada de forma diferente. Sua relação com a TV assemelha-se à leitura de um bom livro, em que o leitor saboreia as palavras e a narrativa, viajando no mundo da imaginação, criando ambientes e idealizando como são os personagens. Ele não vê o que está passando, mas as falas o fazem criar imagens do que está acontecendo.

Mas e quanto à locomoção?

Cleiton Lopes usa diariamente o sistema de transporte público de Teresina e dificilmente pede ajuda para se localizar e avisarem quando está próximo de descer. A explicação para isso é a de que

os cegos desenvolvem melhor algumas capacidades e seu sistema sensorial.

Quando está dentro de um ônibus, o professor diz conseguir observar o giro das rodas e a partir disso perceber a velocidade em que o transporte está. Além disso, ele usa como ponto de referência quebra-molas, buracos e cheiros. Ele sabe exatamente por onde está passando apenas decorando isso. Por conta disso, ele se considera a melhor pessoa para pedir uma informação sobre trajetos e linhas de ônibus.

Infelizmente muitos polos educacionais existentes no Brasil e, conseqüentemente, seus professores, não estão preparados para receber deficientes. Cleiton Lopes confirma isso, e diz que a educação precisa ser mais inclusiva, e que os professores devem ser preparados para atender os mais diferentes tipos de pessoas desde a graduação.

Apesar dessa realidade, Cleiton Lopes destaca a vontade e o interesse em ajudar de seus docentes e colegas de classe. Com esse auxílio e com muita força de vontade, ele formou-se, em 2008, como pedagogo pelo IESM – Instituto de Ensino Superior Múltiplo, em Timon (MA). Após isso, especializou-se na área pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI, em 2010. O curioso é que no trabalho de conclusão de Pós-graduação ele realizou uma pesquisa sobre o ensino de pessoas surdas no âmbito educacional, e

não de cegos, pois queria sair da zona de conforto e explorar outras realidades.

Aprovado no concurso da Prefeitura Municipal de Timon há 17 anos, Cleiton Lopes atualmente dá aulas de várias disciplinas para crianças com deficiência visual, na Associação dos Deficientes Visuais de Timon. Através do sistema Braile, ele estimula as capacidades motoras e físicas dos seus alunos e promove uma melhor condição de vida para eles. “A educação é o passaporte para que através do conhecimento pessoas possam adquirir representatividade social”, declara.

No auge dos seus 44 anos, ele diz ter um grande sonho, e que quando alcançá-lo estará satisfeito. O professor sonha em passar em um concurso da Prefeitura Municipal de Teresina para lecionar para pessoas não deficientes, quebrando barreiras e o tabu de que cego não tem capacidade para tal função.

Mas e sobre ser telefonista da UESPI há mais de dez anos, o que Cleiton Lopes tem a dizer? Bem, ele não parece gostar do cargo, pois almeja fazer outras funções “mais sociais”, como gosta de dizer. Para isso, cobra da UESPI mais respeito e atenção. Apesar disso, o telefonista atende muito bem a todos e realiza da melhor maneira seu trabalho, orientando os estudantes e dando encaminhamentos.

O professor pede, ainda, que a instituição seja mais acessível, isto é, com banheiros, computadores e outros eletrônicos adaptados aos deficientes. Outro ponto que merece atenção é a necessidade de um maior preparo dos cursos e de seus professores, para que eles atendam da melhor forma este público.

Ele aproveita para fazer uma crítica ao Governo brasileiro, pois na sua concepção o Brasil é um país que não se preocupa com as dificuldades do seu povo, principalmente com aqueles que são pobres e/ou têm algum tipo de deficiência.

No entanto, ele alerta que a mudança deve partir não só do Governo, mas de todos nós. “Cada um de nós tem grande importância dentro da sociedade. Se fizermos a nossa parte a situação irá melhorar. Seremos um país mais seguro, com educação forte, mais inclusivo, que valorize seu povo, sem preconceitos e melhor para se viver”, declara.

De rotina corrida por conciliar as duas ocupações em dois locais diferentes, Cleiton Lopes acorda todos os dias por volta das 5h00 da manhã para trabalhar. Pega, em média, seis ônibus diariamente e só está em casa à noite. Quando chega, ele gosta de assistir documentários, desenhos e outros conteúdos no YouTube, além de assistir filmes com a família e ouvir músicas “com letra”, em suas palavras, desprezando as músicas que fazem sucesso

na atualidade. Ainda arruma tempo para estudar visando a tão sonhada aprovação nos concursos da Prefeitura de Teresina.

A vida de Cleiton Lopes é metaforizada por ele mesmo, quando a compara às vezes em que andou de bicicleta. O docente conta que tinha medo de se acidentar, e que chegou a cair e se machucar algumas vezes, mas que nada disso o impediu de continuar pedalando e superando medos. E é nessa superação que sua vida é resumida.

“Eu sou um lutador. Luto bastante pelos os meus objetivos. A vida só acaba quando você desiste de lutar. Enquanto você tiver força e coragem para buscar os seus objetivos, tá valendo. Se você entender que ser cego não é a pior coisa do mundo, não vai ser. Você vai superar rápido. E isso vale para quem usa cadeira de rodas também e pra quem é surdo, por exemplo. Nós deficientes podemos viver normalmente, como qualquer outra pessoa. Podemos sair, namorar, se divertir. Tudo. Infelizmente, a sociedade adota um padrão de beleza e de comportamento, e isso pode prejudicar quem não se adequa a ele. Mas temos que esquecer isso e viver”, pontua Cleiton Lopes.

Com memórias vivas do período em que enxergava, das cores, das formas, do céu e das flores, Cleiton Lopes quebrou tabus ao se formar em

pedagogo e ao lecionar. Mas ainda é pouco, ele ainda tem outros sonhos e pretende acabar com mais algumas barreiras e preconceitos enquanto deficiente visual.

Pai, professor, telefonista, amante da boa música e sonhador, ele mostra que a deficiência visual, e qualquer outra, não são o fim para quem acredita que a educação é um meio de inclusão social e para quem não desiste em meio às adversidades.

CAPÍTULO 4

JOSÉ FERREIRA NETO: O POETA SOLITÁRIO NA MULTIDÃO



Por:

Ana Laís Silva Carvalho

Viviane Santos Rocha

Quem chega ao primeiro piso do Shopping da Cidade, no Centro de Teresina, muitas vezes nem percebe José Ferreira Neto ali ensimesmado, em uma cadeira de espaguete mergulhado na leitura, em frente à uma mesa repleta de livretos. Aos poucos que o observam, o concentrado leitor de 78 anos chama atenção porque nada o atrapalha, apesar do conflitante ambiente comercial que o cerca e, também, do barulho intenso do trânsito na Avenida Maranhão.

José Ferreira Neto é proprietário da “Banca Estrela da Poesia”. “Para quem aprecia, querendo ler, tem essas cadeiras aqui, pode ler à vontade”, diz o vendedor deixando o convite para a leitura e se abrindo à uma prosa. O dono da banca é também poeta.

José começou a escrever poemas ainda na década de 1980, e hoje possui mais de oitenta volumes de livretos impressos. “É um dom que eu já nasci com ele, toda vida eu gostei de poesia e de ler literatura de cordel”. O poeta afirma que a inspiração para seus escritos veio da vida que levou na juventude e também do gosto que cultivou pela leitura mesmo sendo analfabeto.

“Eu gostava de ler, tinha livros aos montes, desde rapaz novo eu era curioso. Sempre digo que sou um poeta sem estudo”, conta com a voz baixa e

mansa em uma conversa que muitas vezes se tornava quase inaudível.

O poeta vendedor, ou vendedor poeta, se considera um teresinense de coração. Ele vive na capital piauiense há quatorze anos. Nascido em 11 de dezembro de 1940, em Missão Velha (Ceará), uma cidade com aproximadamente 36 mil habitantes localizada na região do Sertão do Cariri, José Ferreira Neto mudou-se para Água Branca ainda na década de 1950. A cidade que fica no interior do Piauí foi onde José casou e teve filhos. Também foi lá que começou a escrever e vender seus livretos nas feiras da região, andou por cidades como Amarante, Barro Duro e Regeneração. Daí não parou mais.

Durante quatro anos, a Banca de seu José ficou instalada na Praça Rio Branco.

Com a inauguração do Shopping da Cidade em 2009, ele fez a mudança para onde permanece a banca até hoje, bem ao lado da rádio interna do centro de compras.

Casou-se em 27 de março de 1976 com Francisca Maria de Sousa.

Em 2005, após a morte da esposa, seu José vive no Bairro Porto Alegre, na zona Sul de Teresina, com os quatro filhos: Rita de Cássia, Antônio Raimundo, Elijovane e Antoniel Ferreira de Sousa, que desde então dividem os cuidados com o pai.

José trabalhou de roça na maior parte da vida. Ele também já trabalhou em uma padaria e, até os dias de hoje, ainda acorda cedo para ir trabalhar. Mesmo aposentado, ele levanta às 4h da manhã, toma café, calça seus sapatos sociais, abotoa a camisa e o relógio, coloca um chapéu de aba e sai às 6h para o ponto de ônibus mais próximo de sua casa para pegar a primeira condução do seu trajeto.

Seu José faz todo o percurso no coletivo observando a cidade pela janela. Quando ele chega na estação de integração embarca em um segundo itinerante até chegar ao seu destino, que é a Praça da Bandeira. José chega ao Shopping da Cidade por volta das 7h20. Ele sobe ao primeiro andar do prédio, onde começa a organizar sua mesa sozinho e depois se senta à espera de clientes ou simplesmente de pessoas interessadas em ler seus livros.

O idoso carrega no bolso da camisa de botão um cartão escrito “em caso de emergência ligar”, onde tem escrito os números de telefone dos filhos. Seu José afirma que mantém a rotina de abrir a Banca Estrela da Poesia apesar de não ver tanto interesse das pessoas pelos livros que ele expõe. Mas insiste em estar lá todos os dias, segundo ele, puramente por gostar do que faz.

“Vem gente do Maranhão, do Pará, do interior do Piauí, mas tem dia que não vem ninguém, de jeito

nenhum. Eu venho todos dias, para mim tanto faz vender como não vender”, desabafa.

As motivações de suas poesias concentram-se em erros de seu passado e por conta de paixões das quais diz se arrepender. “Minhas poesias quase tudo é de meu passado, é porque eu sou conformado eu não lamento a situação. Sofri muito porque eu pensava pouco, eu me casei e traia minha mulher, eu vivi como quem vivia dormindo. Eu não pensava nas coisas. Tudo que eu queria fazer, eu fazia escondido. Ainda hoje minhas poesias tá aí, eu não nego não, eu escrevo na poesia tudo o que pesa na minha consciência. Eu não gosto nem de me lembrar do meu passado”.

Por volta de 8h30, José costuma tomar caldo de carne com ovo que compra em uma vendedora ambulante e também bebe meio copo de café preto de uma outra vendedora. O septuagenário pede desculpas pela humildade da conversa, diz ficar emocionado por não saber conversar e confia que sua trajetória é marcada por conformidade e arrependimento do passado que levou. “Temos o que merecemos, o tempo vence tudo trazendo ‘conformação’”, afirma.

Honestidade, intimidade e meditação são palavras que fazem parte do repertório do poeta angustiado que diz ter mudado a forma de ver a vida

somente após a morte da esposa. Morte da qual se culpa e, por isso, aceita passivamente a vida que leva por, segundo José, ter sido assim sentenciada pela culpa. “Só não fiz foi morrer de desgosto, de deixar minha família, meus filhos, a covardia que eu fiz foi meu maior crime. Minha mulher faleceu por causa de mim, da minha ingratidão. Fugi para a Bahia, de lá eu escrevi para meu sogro, mas eu não apareci tão cedo, não era nem por medo, eram mais por vergonha”.

Seu José abre uma das gavetas da mesa e mostra alguns dos seus escritos feitos à mão. No caderno vermelho de capa dura estão algumas das primeiras versões de seus poemas, letras em caixa-alta escritas em caneta de cor azul. Sobre seu processo criativo, o poeta afirma que escreve quando vem a inspiração. “Eu estando sozinho à noite, bem calmo. Muitas vezes eu já estava deitado, me lembrava de algo, levantava e escrevia”. Hoje com a visão já desgastada, mesmo após duas cirurgias corretivas, esta é a única dificuldade apontada por ele para manter sua produção e as leituras.

José fecha seu negócio às 11h45. Coloca as correntes e cadeados. Refaz todo o trajeto de logo cedo no sentido contrário e volta para casa. Almoça e depois deita em uma rede para balançar pelo resto da tarde. Para manter a saúde em dia, José diz que faz caminhadas dentro de casa mesmo; à noite, assiste

jornal na televisão e vai dormir por volta das 20h. No dia seguinte, tudo se repete, de segunda a sexta-feira. Aos finais de semana, seu José costuma ficar em casa com os filhos.

Ao nos despedir da conversa, falamos sobre sonhos. E mais uma vez o conformismo do poeta sentenciado bate à porta. “Sonhos? Eu talvez tinha, eram muitos, mas fazia coisa que não era certo. Arriscando a vida”, e logo recita um poema de cabeça. “É um grande desgosto que eu sinto no coração de não ter merecido uma boa educação. Talvez fosse um poeta, um homem de profissão. Mas o pobre do papai não tinha condição de me botar numa escola que tivesse divulgação. Por isso, hoje em dia, eu canto lamentação”.

Esta é a história de um teresinense que não nasceu aqui, mas que escolheu ser parte da cidade. José transformou o seu desencanto com a vida em inspiração e, mesmo solitário em sua leitura e na multidão frenética de um shopping, acredita que as pessoas podem mudar a forma de ver o mundo e de tratar umas às outras. Ali, diariamente, com a simplicidade de sua presença e com a grandeza de sua linguagem singela, José Ferreira Neto lapida palavras que são tesouros para a alma.

CAPÍTULO 5

A SANFONA TOCA NOTAS DE SUPERAÇÃO



Por:

Jonas Carvalho de Oliveira

Liane Karollayne de Sousa Cardoso

Francisco Anísio Correa de Castro, 53 anos, nasceu no município de Itapiúna (Ceará), distante 115 quilômetros de Fortaleza. Filho de José Soares de Castro e Maria de Lourdes Correia de Castro, ele é o segundo mais novo da sucessão de 20 irmãos, dos quais já faleceram dez.

Quando Francisco completou dois anos de idade, a família se mudou para a capital cearense.

Desde o nascimento ele é deficiente visual, mas não era completamente cego. Aos 13 anos, foi submetido a um transplante de córnea, no Instituto dos Cegos em Fortaleza (CE), e estava contente com a possibilidade de ter a visão recuperada. Porém, uma triste situação viria a acontecer cinco dias após a cirurgia. O cunhado dele, discutindo com sua irmã, descontou a raiva do conflito em Francisco, dando um soco em seu olho. Seu glóbulo ocular chegou a sacar fora do rosto. O menino que não tinha a visão normal, viveu a maior tristeza de sua vida, ao perder a possibilidade de enxergar. Mesmo assim, seus sonhos não morreram.

A paixão dele quando criança era uma sanfona.

Somente aos 14 anos, ele realizou esse desejo e teve seu primeiro contato com o instrumento. Porém como não lhe pertencia, tocava escondido. “Eu era doido por sanfona! Meu irmão Raimundo (60 anos)

tinha uma, mas não deixava eu tocar, achando que não teria cuidado. Quando eu pegava escondido, ele me castigava com socos violentos”, lembrou Francisco.

A impossibilidade visual e financeira não o fez desistir de sonhar.

Com 15 anos, o adolescente conseguiu ter o objeto, de um jeito inusitado. “Fingi estar apaixonado por uma mulher e ela me presenteou com uma sanfona”, conta Francisco.

Mesmo com a conquista ainda existiam dificuldades. Ele não sabia tocar. Mais um grande desafio estava lançado em sua vida. “No começo eu era muito vaiado pelas pessoas, porque tocava ruim demais. Com o tempo, aprendi a tocar melhor, mas isso levou quase 10 anos”, disse.

Aos 15 anos também, conheceu sua primeira companheira, Chiquinha, com quem esteve unido durante 37 anos. Francisca Natália Pereira de Castro, de 35 anos, e Dionísia Pereira de Castro, de 36 anos, são frutos desse relacionamento que terminou em 2018.

Em 2019, um motivo especial fez com que Francisco se mudasse do bairro João XXIII, localizado na capital cearense, para Teresina. Aurora Gomes da Silva é a razão da vinda dele ao Piauí. “Conheci ela em 2007, no bar que eu e Chiquinha

tínhamos em Fortaleza, mas depois disso passamos muito tempo sem nos encontrar. Ela me contou que tentou muitas vezes falar comigo, porém as pessoas não deixavam nossa aproximação acontecer. Até que um dia a reencontrei, começamos a conversar novamente e peguei o contato dela. Disse que moraria com ela, caso fosse me buscar em Fortaleza. E ela foi”, relatou.

Desde janeiro de 2019, Francisco mora com Aurora no Povoado Taboca do Pau Ferrado, zona rural de Teresina. De segunda-feira à sexta-feira, ele acorda às 5h30 da manhã, se arruma e toma café, e segue até a estação do Parque Ideal (zona Sudeste), onde pega o primeiro metrô, às 8h15, rumo ao Centro da Capital. Quem transporta Francisco diariamente é um mototaxista chamado Chico, que mora na mesma localidade que ele. O motoqueiro cobra R\$ 20,00 pela diária.

No metrô, o cearense-sanfoneiro realiza 12 viagens, cada uma com duração de 40 minutos, totalizando oito horas trabalhadas todos os dias. “Eu faço aquilo que gosto e a melhor coisa do mundo é ser realizado com seu trabalho”, comenta.

Enquanto toca seu instrumento no transporte público, ele aproveita para arrecadar algumas moedas. Foi a forma que encontrou de se sustentar. Entre uma música e outra, ele repete sempre o

mesmo bordão: “Vamos ajudar o Ceguim, vamos cooperar, vamos colaborar”. Dessa forma, recebe ajuda de vários usuários que se sensibilizam com seu talento, expresso mesmo diante de sua dificuldade visual. No final de cada viagem, faz a contagem das moedas que recebeu e as guarda em um saco plástico branco. Tem habilidade de diferenciar todos os 10 tipos de moedas de Real atualmente circulantes (de R\$ 1,00; de dois tipos de R\$ 0,50; de dois tipos de R\$ 0,25; de dois tipos de R\$ 0,10; de dois tipos de R\$ 0,05 e de um tipo de R\$ 0,01, as mais raras).

Ele afirma ter habilidade de tocar sanfona durante seis horas seguidas, sem interrupção. Capacidade comprovada pelos próprios usuários do transporte, que a cada volta, veem Francisco tocando e cantado sem parar. O metrô é um ambiente propício para o trabalho dele, visto que diante da correria do dia a dia, ouvir a voz e melodia de Francisco, desestressa muitos passageiros.

O Cego do Metrô, como é conhecido na capital piauiense, também desenvolvia a mesma atividade em Fortaleza, mas tocava dentro dos ônibus, porque era proibido de executar o talento no transporte metroviário. “Aqui em Teresina já tentei tocar nos coletivos, no entanto é mais complicado de trabalhar, pois eu precisaria de um guia. Já contratei dois para andarem comigo, entretanto me roubaram. No metrô

eu consigo trabalhar sem alguém para me auxiliar”, disse Francisco quando questionado sobre a opção de transporte.

Artistas como Amado Batista, Bartô Galeno e Elba Ramalho, fazem parte do repertório musical do sanfoneiro. A música que mais o marca, poucas vezes é cantada por ele, pois traz lembranças de alguém muito especial. A composição de Léo Canhoto, “Meu Velho Pai”, faz Francisco recordar de seu genitor, que faleceu em 1996.

Ele reclama da falta de tempo para aprender novas músicas, porque chega em casa muito cansado das viagens no metrô. E, aos finais de semana, ainda participa de eventos quando é convidado. Contudo, continua praticando as melodias que conhece.

O homem de 53 anos que não tem visão física, enxerga a vida com esperança. Um dos sonhos dele é participar do programa do Geraldo Luís, na TV Record de São Paulo, e gravar um CD. Mesmo diante de todas as dificuldades, ele acredita que vai conseguir. O sorriso no rosto e a vontade de viver prevalece na vida do cearense, que hoje é realizado ao lado de sua família e apaixonado pelo que faz. Ele segue a vida vencendo os desafios e encantando quem o escuta cantar e tocar.

“Meu ex-amor, tem coisas que a gente não esquece, mas você não merece tanta dor... ‘Vamos

ajudar o Ceguim, vamos cooperar, vamos colaborar’... Neném, neném, neném, o que aconteceu, tão todos te querendo e tu vem ficar mais eu... ‘Vamos ajudar o ceguim, vamos cooperar, vamos colaborar’... No toca-fita do meu carro, uma canção me faz lembrar você...”, e assim Francisco vai vivendo e vendo a vida a seu modo.

CAPÍTULO 6

SARA ALVES E A SANFONA: O REENCONTRO COM UM AMOR DE INFÂNCIA



Por:

Priscila Fernanda Feitosa Fernandes

Sebastião Pinheiro dos Santos Filho

Desde pequena, Sara Cavalcanti Alves cultivava uma paixão: ouvir seu tio-avô tocar sanfona. Hoje com 18 anos de idade, a jovem faz parte da nova geração sanfoneira piauiense e afirma que sua intenção é passar para as outras pessoas a cultura nordestina e todo o amor e alegria que a música traz.

Onde tudo começou

A estudante tem sua trajetória quase toda influenciada por grandes nomes como Luiz Gonzaga e Dominginhos.

Tudo começou em encontros da família de Sara Alves, no interior de Campo Maior (a 85 quilômetros ao Norte de Teresina). Eram dias repletos de forró pé de serra com as músicas do Rei do Bailão, que seu tio-avô Valdir Moraes tocava. “Foi o pontapé inicial pra mim. Eu via aquilo e ficava encantada, sabe? Cresci vendo isso quase todos os finais de semana. No entanto, fui crescendo e acabei me distanciando, mas com 16 anos eu meio que ‘despertei’ novamente para o instrumento e comecei a ter aulas musicais”, conta.

Esse seu “despertar” para a sanfona e o forró aconteceu quando Sara Alves apresentou um trabalho sobre cultura nordestina, no colégio que estuda, Grupo Educacional CEV. “Cismeí com aquilo! Eu me lembrava dos momentos em família e fiquei

emocionada. Eu pegava um travesseiro e ficava brincando, fingindo que era minha sanfona. Assim que ganhei uma sanfona e de fato comecei a ter aulas, foi realmente uma paixão, sabe? Uma felicidade imensa”.

Os desafios

Sara Alves pontua também que por mais que tenha começado a se apresentar recentemente, ela já consegue sentir confiança em si mesma, mas nem sempre foi assim. “Eu sou muito tímida e no início sentia muita dificuldade. Mas daí fui me lembrando o porquê de eu estar ali, a paixão e a alegria que queria passar para as pessoas e usei isso ao meu favor para me sentir melhor”, diz.

Sabe-se que não é muito comum ver mulheres sanfoneiras. Essa parcela, por mais que seja tímida, tem recebido seu reconhecimento no meio musical. Segundo Sara Alves, seus colegas sempre incentivam bastante. No entanto, as pessoas de fora do circuito sanfoneiro ainda têm um estranhamento. Os músicos nunca a reprimiram, pelo contrário, a incentivaram bastante.

A estudante conta que já passou por uma situação constrangedora. Um rapaz que estava na plateia de um local, no qual estava se apresentando, ficou debochando dela, perguntando a todo instante

se ela sabia tocar mesmo. “Eu tinha acabado de tocar uma música super-difícil, tipo, claro que eu sei tocar”, relata.

Além do preconceito por ser mulher, Sara conta também dos desafios enfrentados pela classe toda em si. Há uma desvalorização social quanto ao trabalho que é feito.

“As pessoas pensam que é simples. Já ouvi muito relatos de colegas que tocaram à noite inteira e na hora de receber não recebiam todo ou nem recebiam. Nós passamos a noite com o instrumento pesado, pensamos em um repertório e ainda temos que aguentar isso?”.

Ela acrescenta sobre a desvalorização também da própria cultura, onde raramente procuram pelo famoso “forró raiz”. Sara Alves diz que as pessoas valorizam mais o que vem de fora (de Teresina e do Piauí).

“Eu observo isso pelos meus próprios amigos, quando mostro alguns repertórios para eles e nem sabem do que se trata, o que eles escolhem mais é sertanejo universitário, entre outros. Isso reflete em quase toda a sociedade, por mais que as pessoas gostem também do forró, o que vem lá de fora sempre parece ser mais interessante. Acho que deveríamos valorizar acima de tudo a nossa cultura”, destaca.

A carreira

“Ainda estou só começando. Existe um caminho para traçar”. A musicista conta que começou a fazer suas apresentações no ano de 2018 em casas de shows em Teresina, residências de familiares e restaurantes.

Além de tocar, Sara Alves também canta. Ela admite não saber descrever o que sente quando está nos palcos, mas certamente é algo bom. “Ainda sou muito nova e tenho minhas inseguranças, certamente. Mas quando comecei de fato as apresentações nos locais eu senti que é isso que deveria seguir fazendo. Quando percebo a alegria e o brilho nos olhos das pessoas quando me apresento, sinto a certeza que quero levar minha carreira para frente”, pontua.

Uma das maiores inspirações de carreira de uma mulher sanfoneira para Sara é a Nicinha do Acordeon. É uma artista natural da cidade de Sobral (CE) e sua trajetória na carreira musical começou aos 15 anos.

“Eu me identifico muito com a Nicinha. Por ela ter começado cedo e carregar um patrimônio musical e cultural consigo, me inspiro muito nela e em tudo que ela construiu. Eu já tive até a oportunidade de tocar com ela e foi um marco muito importante para minha carreira”.

Sara Alves também possui um projeto de formar uma dupla com sua amiga Écori Nascimento. A dupla Baião de Duas surgiu quando as duas colegas se conheceram nas aulas de acordeom com os mestres Luís Carlos e Ivan Silva.

“Nossa primeira apresentação aconteceu no dia 6 de dezembro de 2018 de forma despretensiosa. A música que iríamos apresentar era ‘Baião’, do grande mestre Luiz Gonzaga, por isso o nome ‘Baião de Duas’, o Rei foi nosso padrinho. Mais tarde tive a ideia de formarmos essa dupla”.

Apesar da dupla já ter realizado algumas apresentações, o ano de 2019 foi difícil. Sara teve que se afastar um pouco para focar nos estudos para o vestibular. “Esse ano de ENEM tive que abdicar de algumas coisas e uma delas foi da dupla, foi muito difícil. Além disso, a Écori também tem uma vida corrida. Mas temos planos de voltar com tudo em 2020!”.

O desejo de Sara Alves é que os seus conterrâneos deem valor à cultura brasileira, a nordestina e a piauiense. “Eu vejo que muitas pessoas de Teresina não valorizam a cultura da gente. Não conhecem os artistas locais, não somente do forró, mas de vários estilos musicais. Os artistas acabam não tendo o reconhecimento que deveriam ter”.

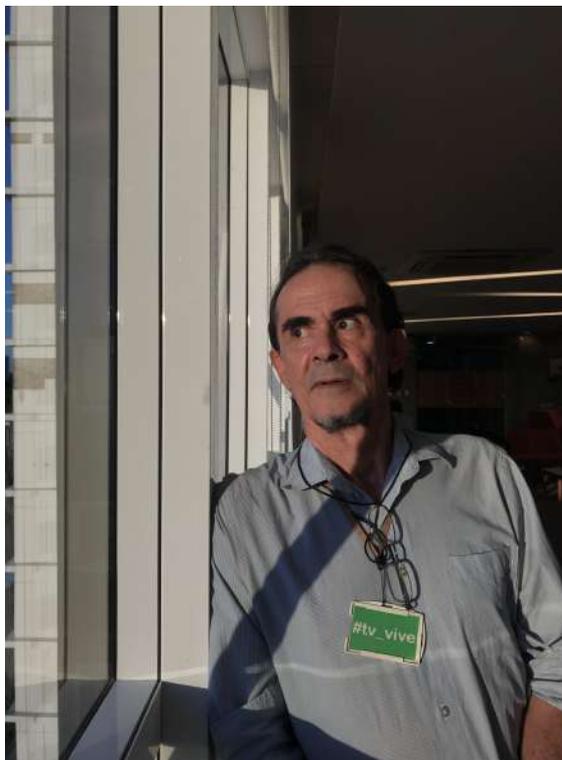
Questionada sobre qual a mensagem que queria passar, a menina se emociona ao reafirmar que queria passar tudo que a música a faz sentir. “Eu não consigo explicar como me sinto quando estou nos palcos. É uma felicidade enorme, é um amor e energia incomparável. Tudo que eu sentia quando via meu tio-avô tocar, agora quero que as outras pessoas sintam”, finaliza.

A musicista acrescenta que tem o dever de levar a cultura nordestina e piauiense para fora. “Eu sempre digo que eu tenho um dever muito grande de levar sempre a cultura popular nordestina para o mundo. Eu me sinto responsável. Me toca profundamente a arte nordestina, é muito bonito e as pessoas precisam ver”, diz.

Sara Alves continuará treinando e estudando mais ainda na música e pretende levar a carreira para frente sempre com o mesmo objetivo: emocionar e envolver as pessoas a cada melodia.

CAPÍTULO 7

DE AGRÔNOMO A PUBLICITÁRIO DE SUCESSO



Por:

Glenda Alves dos Santos

Paulo Rogério Batista de Souza

Nordestino com muito orgulho, piauiense nato, de família humilde e cristã. Filho de agricultores do interior da cidade de União, Piauí, região metropolitana de Teresina. No período da entrevista contava com 64 anos de idade e uma trajetória de vida digna de respeito e orgulho. De estatura mediana e magro, carrega no rosto um sorriso sereno e sincero de quem muito viveu o que quis. Pele clara, cabelos lisos e grisalhos que por si só já contam histórias.

Olhos profundos que seguram o olhar por minutos, ansiando descobertas. As mãos, leves e já características da idade, caso fossem lidas, diriam não ter medo das mudanças.

Dono de uma retórica de dar inveja, fascinado por livros, motocicletas e pescarias. Degustador de um bom vinho e de uma boa aventura. Por onde passa constrói fortes amizades, colhe o que plantou e rega algumas sementes. Defensor da natureza, se considera um sonhador com os pés no chão.

Esse é o publicitário Fernando Campos Cavalcante.

Formado em Engenharia Agrônômica nunca teve uma graduação formal em Publicidade e Propaganda.

Considera-se um autodidata na área que o escolheu para viver.

Teve a sensação da não realização profissional na sua área e aos poucos despertou a comunicação que corria em suas veias. Fotografava o que passava despercebido pela maioria das pessoas, e após serem ampliadas, suas fotografias eram requisitadas para propagandas e campanhas publicitárias. Isso tudo no final da década de 70 do século passado, quando a publicidade estava engatinhando no Piauí. Isso o ajudou a tornar-se bastante curioso e interessado pelo setor.

A mudança

Com grande poder de resiliência, não hesitou em mudar de profissão. Entrava modestamente para o despertar das coisas, o que hoje chama-se de “*branding identity*” (identidade de marca, em tradução livre). Ele resolveu chamar de Convince Comunicação e Publicidade, uma das primeiras agências de estratégias de marketing do Piauí.

Questionado de como um profissional formado numa área técnica e empírica – Agronomia – obteve sucesso em uma atividade sem nenhuma (ou quase nenhuma) ligação direta com o ramo da Comunicação, ele responde que é daqueles que acredita que as pessoas já nascem com um dom para atuar profissionalmente na vida. Quando se descobre esse dom antes de entrar para um curso profissional,

é perfeito. O que não foi o caso de Fernando Campos, pois o encanto, despertar dos sentidos comunicacionais só veio após sua formação como engenheiro agrônomo.

As empresas de comunicação no Piauí, nos idos das décadas de 1970 e 1980, estavam começando, mas numa velocidade pouco satisfatória aos olhos do ‘publicitário’. Ele se considera inteiramente um publicitário.

Com tantos sonhos, vontades e coragem, nasceu sua agência, que mesmo não sendo da área, fez com que ela ganhasse nomes e boas campanhas na época.

O formador

Fernando considera que contribuiu em muito para formação de vários profissionais que atuam no mercado da comunicação, da Publicidade/Propaganda e de eventos no Piauí. Cita o cantor José Roraima, que começou como produtor na sua agência; Cândido Neto, proprietário da agência Vende, idealizador do carnaval fora de época “Micarina” que também adquiriu muito conhecimento dentro da Convence; Roger Rocha, que hoje é um dos diretores da Sucesso Publicidade, do Grupo Claudino. Dentre outros que começaram a trabalhar com ele, cita os jornalistas: William Bogéa,

Pádua Araújo, Pedro Alcântara, Ramsés Ramos (falecido), Maia Veloso e Dina Magalhães.

Assim, com a carência de profissionais na área de Comunicação, Publicidade e Propaganda, Fernando Campos abriu as portas da Convence para aqueles que desejavam, à época, trabalhar nesses segmentos.

No início os audiovisuais eram gravados com câmeras de cinema e revelados na cidade do Rio de Janeiro (RJ). Os equipamentos foram comprados da produtora de Jece Valadão, famoso ator e produtor de cinema. Posteriormente, com o avanço tecnológico das fitas de vídeos, passou a editar na própria agência, na capital piauiense.

Pelo Piauí adentro

Como publicitário, além da Convence Comunicação, suas ideias iam para mais; criou uma TV itinerante que denominou de TV Viva. Era uma produção audiovisual feita na agência que levava matérias informativas e propagandas para diversas cidades e localidades do interior piauiense, principalmente nos municípios onde não havia sinal de TV. Tudo funcionava por meio de *videotapes*, um projetor e uma tela de projeção. Utilizava-se todo o equipamento de gravação e edição de televisão, faltando apenas a difusão.

A Convence tinha uma carteira muito grande de clientes – explica Fernando Campos – o que possibilitou o seu crescimento e expansão tendo filiais fora do território piauiense em Fortaleza (Ceará), Recife (Pernambuco), Natal (Rio Grande do Norte) e São Luís (Maranhão).

Uma pequena empresa do Piauí se tornou uma companhia regional. Nos tempos áureos da Agência, chegou a contar com mais de 50 funcionários, com uma rotina frenética de produção, edição e divulgação. “Os clientes estavam sempre satisfeitos, uma vez que havia um bom retorno financeiro para eles devido as campanhas publicitárias e a cartela de clientes só aumentava”, relembra Fernando Campos.

Nessa época, a principal campanha publicitária foi a do DETRAN-PI (Departamento Estadual de Trânsito do Piauí), onde a Convence tinha que divulgar em quase todas as cidades do Piauí que não tinham sinal de TV, vídeos educativos sobre o trânsito. “Essa campanha fez eu visitar muitos municípios, conhecer muitas lideranças políticas, o que levou a criar dentro da Convence uma assessoria política voltada exclusivamente para líderes e produção de campanhas eleitorais”, asseverou o dono da agência.

Das multiatividades desempenhadas na Agência a que mais interessava a Fernando Campos

era o contato direto com os clientes, pois sabia ouvir, interpretar e transmitir para a sua equipe exatamente o que o cliente desejava.

Com o passar do tempo tornou-se um homem objetivo e pragmático, tudo funcionava numa velocidade para a época considerada fantástica, pois vivia-se no mundo analógico. Tudo seguia conforme o slogan da Convence: onde cada ideia é bem pensada. A funcionalidade da agência se dava pela paixão do fazer. Fernando Campos brilha os olhos ao falar de suas criações, como de quem doou inteiramente sua vida para aquilo. Sua voz, mais do que tudo, demonstra o orgulho de contar o que já foi vivido, em 90% da história da sua vida, é a Convence que prevalece.

TV Antares

Devido ao sucesso alcançado a agência foi convidada para ser a produtora da TV Antares (emissora pertencente ao Governo do Piauí), cujo contrato vigorou por mais de dois anos. “Foi uma experiência maravilhosa pois aprendi muito da arte de fazer TV. Ali também foi uma casa de formação de profissionais de comunicação, surgiram muitos jornalistas, apresentadores, editores, produtores e diretores, eu particularmente tinha um tino para descobrir quem tinha o dom para cada função, não

sei explicar, mas dava quase sempre certo”, ressalta o publicitário com um sorriso de quem se orgulha por tudo que já fez.

Digno de registrar é que o embrião de TVs regionais no Piauí foi idealizado por Campos ao produzir reportagens sobre os municípios do estado e interagindo com a população local, que pela primeira vez podiam ser vistas no formato de vídeos.

Dentre as muitas experiências vividas ele lembra com tristeza do fato de terem todo o equipamento de gravação roubado em Fortaleza (CE), quando produzia o programa de Amaury Júnior, programa nacional de entrevistas de personalidades e cobertura de eventos. Devido ao vasto ciclo de amizades no meio de comunicação, os ladrões terminaram presos ao tentarem vender os equipamentos para um amigo que sabia do fato ocorrido na capital cearense.

O hoje

Atualmente a Convence Comunicações virou Convence Virtual. A mudança, conforme relata Fernando Campos, deve-se ao fato da chegada da internet e que hoje para produzir seus vídeos e campanhas publicitárias não necessita de toda a estrutura que possuía na época dos equipamentos analógicos. A mão de obra também é reduzida e não

existe mais a necessidade do vínculo empregatício. Hoje quando não consegue realizar um trabalho, ou parte dele, o normal é contratar profissionais *freelancers*, para serviços temporários.

Fernando Campos acredita que o mercado publicitário está ótimo, bem receptivo aos bons profissionais. Ele tem convicção que muitos alunos saem das faculdades preparadíssimos para enfrentar o dia a dia das agências de propaganda, por outro lado diz que as agências estão buscando se atualizarem frente as novas tecnologias e canais de comunicação.

O certo é que a vida do engenheiro agrônomo publicitário virou-se completamente com a comunicação, é como sair da água para o vinho. A sua história com a publicidade é um casamento infindo, sem data para acabar. Em tudo, diz Fernando Campos, vê existir comunicação. A vida, hoje, segundo ele, é como uma agência publicitária: é necessário que para cada cliente-pessoa criar-se uma estratégia, fazer um caminho, é isso que acontece atualmente.

Lembra, de forma não muito satisfatória e por isso fala pouco, do porquê a agência física acabou. Em uma das suas viagens ao Ceará para visitar clientes, acidentalmente capotou o carro, ficou dias na UTI e como era o cabeça de tudo, a agência desandou. “Foi

bem triste, fomos perdendo clientes, eu estava no hospital, não podia fazer nada (risos)”. Apesar de tudo, Fernando Campos leva a vida com um sorriso sincero no rosto.

A natureza é uma de suas paixões, a cultura é um amor. Ambos abastecem sua vida e lhe dão pitadas de energia todos os dias. “Eu quero produzir, eu estou produzindo. Fernando Campos não é Fernando Campos parado, sem pensar”. E é dessa forma que ele encerra o café.

CAPÍTULO 8

PELO SKATE E PELO AMOR



Por:

Aline Maria Silva Sousa

O pedagogo que dedica a maior parte de seu tempo trabalhando em projetos sociais que envolvem inclusão e lazer, revela que a paixão por “andar” de skate veio como o que chama de bote salva vidas.

Vindo de uma infância financeiramente difícil e de uma criação rigorosa e religiosa, dada por seu pai, policial, e por sua mãe, professora, James Soares Ferreira, 40 anos, encontrou no esporte a oportunidade de conhecer o mundo para além dos muros da igreja ou da escola.

Primeiro contato com o skate

Graduado em Pedagogia pela Faculdade Integrada do Brasil (FAIBRA) e com especialização em Educação Escolar para Jovens em Situação de Privação de Liberdade, pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), “Piva”, apelido de infância que carrega até hoje, conheceu o esporte ainda na adolescência.

Por volta dos 13 anos de idade, avistou nas imediações da rua em que morava um grupo de jovens fazendo manobras em cima de uma prancha sobre rodas.

Nunca mais foi o mesmo.

Sentado na frente da TV e assistindo ao filme *Back to the Future (De Volta Para o Futuro)*, seus olhos “brilhavam” nas cenas em que o personagem principal, Marty Mcfly (interpretado pelo ator

estadunidense Michael J. Fox), conseguia escapar de situações inusitadas flutuando sobre um skate.

A inocência e deslumbramento do educador por aquilo que viu na televisão, contribuiu na decisão de se tornar um skatista.

Ainda na adolescência, fabricou o próprio skate e iniciou os treinos com seu irmão mais velho. Começou então um ciclo de aprendizagem e amizade, onde o educador pôde conhecer skatistas mais experientes que lhe repassaram todo o conhecimento que atualmente ele põe em prática com outros jovens.

Eram os primeiros passos de um skatista, educador e ser solidário.

Projetos

O pedagogo é o atual presidente da Associação Teresinense de Skate (ATS) e idealizador do *Projeto Skate-scola*.

Essa missão social surgiu há quase duas décadas, em 2004.

Consiste na aprendizagem do esporte através de atividades lúdicas para jovens e crianças que tenham o sonho de aprender a manusear um skate, mas não possuem recursos financeiros para pagar um curso. Além de funcionar na capital do Piauí, o *Skate-scola* também acontece na cidade de Oeiras (a

313 quilômetros ao Sul de Teresina) e em Timon, no vizinho estado do Maranhão.

O processo pedagógico do *Skate-scola* se estende ainda para crianças em situação de vulnerabilidade social, que geralmente são moradoras de comunidades próximas aos locais de trabalho das respectivas cidades.

Para o professor, conscientizar as crianças sobre importância da educação através do esporte e retirá-las do dia-a-dia de tempo ocioso, tem o poder de afastá-las dos perigos das ruas e do mundo do crime. Fazem com que conheçam algo além do convívio com uma família em situação de desestrutura.

Por um longo período, o *Skate-scola* funcionava apenas da boa vontade de James Piva em tirar fundos de seu próprio bolso para que o projeto funcionasse.

Nem sempre existiram skates disponíveis para atender toda a demanda de crianças que procuravam as aulas.

Segundo o educador, a situação ainda não é a adequada, apesar das melhoras.

Atualmente, o *Skate-scola* acontece em parceria com a Secretaria Municipal de Cidadania, Assistência Social e Políticas Integradas (SEMCAPI) de Teresina.

Além de pedagogo, James Piva também é educador social em um orfanato da capital piauiense, e leva o esporte para as crianças da instituição como momento de lazer.

A devoção pelo skate também contribuiu em uma das escolhas mais significantes de sua vida: se tornar pai. James atualmente está em processo de adoção de uma criança de oito anos, na qual conheceu no orfanato durante as aulas de skate e criou profundos laços de respeito e afeto.

Vidas transformadas

Ronielle Rabelo Miranda, 32 anos, é pai de Pedro Misaél Alves Miranda, de oito anos de idade, e explica como sua relação com o filho tem melhorado desde que ele passou a frequentar as aulas de skate.

“Eu tinha um preconceito gigante contra skatistas devido a minha falta de informação. Sempre tive vontade de que o Pedro fizesse algum tipo de atividade física ou esporte e que de preferência fosse o futebol. Aí para a minha surpresa, ele decidiu que queria aprender a andar de skate. Foi o momento então que eu conheci o James Piva e o *Skate-scola* e tive uma grande lição: aqui é uma irmandade. Todo mundo se ajuda, ninguém se acha melhor, todos estendem a mão ao próximo. Isso tem me ajudado a conhecer melhor o meu filho e tem nos

aproximado cada vez mais”, concluiu Ronielle, que hoje acabou se tornando voluntário no projeto do *Skate-scola*.

Carla Adriana Macêdo da Mata, 40 anos, é contadora, skatista e secretária da Associação Teresinense de Skate (ATS). Amiga de longa data de James Piva, conheceu o educador em 1997 através do skate. Juntos, fizeram parte de muitos outros projetos sociais. Carla explica que o *Skate-scola* é apenas um dos muitos segmentos de um projeto ainda maior chamado *Tô de Boa nos Trilhos da Vida*, que acontece em parceria com a Associação Fraternidade e que visa o atendimento de 60 famílias.

“É importante não trabalhar somente com o foco nas crianças, mas também fazer uma tentativa de alcançar seus círculos familiares para que possamos colher resultados sociais mais positivos”, pontuou a secretária da ATS.

Para James Piva, o skate hoje vai além do esporte e do lazer. O professor usa suas aulas como ferramenta de educação social.

“Tudo que eu sou hoje é por causa do skate. Muitas amizades construídas, muitos projetos realizados. Ele faz parte de mim como um todo. Eu me sinto realizado, tenho colhido frutos, tenho ajudado jovens. A melhor parte do dia para mim é

chegar e ver um monte de menino gritando e querendo skate! Isso quer dizer que eles estão felizes e motivados. É o que me enche de orgulho, é o que me faz bem”.

Em meio a toda sua trajetória, James Piva não buscou ser o mais famoso ou o melhor skatista do mundo. O teresinense apenas tem vivido com o objetivo de repassar o que conhece sobre o esporte, numa tentativa de levar alegria, educação e esperança não só para crianças, mas para muitas famílias.

CAPÍTULO 9

DAS BATALHAS NAS RUAS PARA OS PALCOS. COMO O RAP MUDOU A VIDA DE JOÃO VICTOR



Por:

Daniel Victor Oliveira Pessoa

Renato Rodrigues Pereira Dias

A *Batalha da JK* acontece no Espaço Cultural Francisco das Chagas de Araújo Costa Júnior, embaixo da ponte Juscelino Kubitschek, bem no meio da divisão das zonas Norte e Sul de Teresina, entre os bairros Ilhotas e Cabral.

João Victor Carvalho – ou Real Narco Liricista, como se denomina – havia passado o repertório nas calçadas do bairro Vermelha (zona Sul), no caminho entre sua residência e a morada da avó.

Era noite de *pocket show* (pequena apresentação, no sentido de ser pequena no tempo, não na importância).

Nada muito demorado aconteceria, eram apenas três músicas e o evento tinha a intenção de fortalecer o movimento hip-hop, ou seja, não havia nenhum dinheiro para receber.

Foram 40 minutos gastos buscando energia elétrica na praça. Por ser debaixo da ponte, haviam poucas tomadas disponíveis. Sem eletricidade, nenhuma das caixas de som seriam ligadas e não haveria a batalha de MC's (Mestres de Cerimônia, aqueles e aquelas que utilizam o microfone para cantar rimando).

Na batalha, o objetivo é, através da rima improvisada, ganhar de seu oponente por meio da música. Os conflitos que viriam seriam em prol da arte.

Todos sairiam em paz. Mas tinham antes de vencer a batalha contra a falta de tomadas.

Depois de muita labuta, a energia foi estabelecida e deu-se início à competição.

João estava preparado para cantar.

Bastava colocar as batidas na caixa de som.

Uma ligação bem simples que não aconteceu. O cabo falhou. O show não aconteceu.

João Victor têm 19 anos, um jovem. Um jovem que canta rap. Um Mestre de Cerimônia (MC) ou rapper, como chamam nestes tempos.

Lançou no dia 2 de maio de 2019 um Ep (*Extended play*) com cinco faixas, de nome “Oscilações Mentais de um Preto”, retratando o que se passava na sua mente, na sua rua, com seus amigos e familiares.

Rua 21 de Abril: no começo

Sentados na calçada da rua 21 de Abril, no bairro Vermelha, em frente à avenida Pedro Freitas, vemos a Associação Piauiense de Municípios (APPM) e, da esquina, avistamos o Centro Administrativo, local que congrega quase toda a burocracia estadual. O *poeirão* (campo de futebol rústico) ainda resiste ali no meio.

Eram ainda 15h, não havia ninguém jogando bola no período mais quente do ano.

João Victor cresceu nessa rua.

Caminhando por ela, percebe-se a intimidade com o local. As subidas e descidas nas calçadas. O cumprimentar das pessoas que estão na porta de suas casas.

No caminho, o chamado de uma mulher com capacete para fumar foi recusado.

Nenhuma surpresa pairava sobre a expressão de João.

“Tem certo tipo de pessoas por aqui que não existe nem o perigo de colar (relacionado a simpatia)”, relata depois dessa parada inesperada.

A casa simples, guiada por um corredor, mostra a batalha diária pela sobrevivência na zona Sul da cidade.

No computador ligado, toca Racionais MC's e várias extensões estão ligadas.

Dona Aline Carvalho Damasceno, 33 anos, sua mãe, com uma pistola de cola quente, remenda diversos enfeites que servirão de recordação para o aniversário de um ano do pequeno Arthur Miguel, o xodó da rua.

Há sempre movimento na casa.

Vizinhos, parentes, amigos de João Victor vão até a residência de número 605 para conversar e, principalmente, ajudar em alguma atividade. Essa é uma prova viva de que o sentimento comunitário

ainda existe na caótica, poliurbana e atomizada Teresina.

Na parede, a foto de formatura de ensino fundamental mostra o rosto duro de um jovem que não terminou os estudos formais, mas, mergulhou nos livros sem medo algum. É a maior foto na parede, ao lado de sua mãe, seu irmão, Gerson Alexandre de Sousa Silva Filho, de oito anos e seu padrasto.

Depois de buscar Gerson na escola, dona Aline retoma as atividades na confecção das lembrancinhas.

O irmão de oito anos, no calor de 37º Celsius, às cinco horas da tarde em pleno dantesco B-R-O-Bró teresinense, optou por brincar na calçada somente de cueca.

Afinal, com a temperatura tão elevada – como de costume nos últimos quatro meses do ano – quem consegue ficar vestido por muito tempo, sem que esteja no ar-condicionado, acaba por se desmanchar em suor?

A rua 21 de Abril prossegue aparentemente calma, mas que já viu diversas cenas, tidas como cotidianas dentro da periferia de Teresina.

João descreve o lugar em que nasceu e mesmo que saia de lá um dia, sempre pretende voltar.

“Foi na *R21* que eu cresci, foi ali que eu vi gente passando com botijão de gás, produto de furto,

pra trocar por droga, foi ali que eu vi marido dando em mulher”, descreve nas suas lembranças.

Não somente de violência viveu e vive o local e João Victor faz questão de deixar isso latente.

A periferia vive para além do imaginário construído no senso comum. “Foi aqui nessa rua que eu tive meus primeiros contatos com o que a gente chama de cultura [...]. Aqui foi onde eu vi minha mãe organizando arraiais (de festas juninas) para trazer um pouco de mais de felicidade pra esse lugar e, onde eu comecei a me movimentar”, narra o artista.

Manter a harmonia dos elementos

Na constituição do *hip-hop* existem quatro elementos. Todos são essenciais e estão interligados. Mesmo que por determinado tempo afastados, cada qual se construiu e se estabilizou de forma separada, quando estão juntos, se tornam uma força motriz, que conduz os adeptos da cultura a outros patamares. São eles: o *break* (dança), o *graffite* (pintura, desenho), o *deejay* (aquele ou aquelas que conduzem o som) e o *MC* (aquele ou aquela que tem o microfone em mãos e conduz a festa através da voz).

Como um movimento criado na década de 1970, na periferias das cidades dos Estados Unidos, chegou ao Brasil no final da década de 1980. Na década de 1990, o movimento reuniu diversos jovens

periféricos, especialmente da Grande São Paulo. Foi dali que saíram grupos como os Racionais MC's, Sabotage, RZO e Dina Di.

Teresina não ficaria de fora dessa estrutura que vinha se expandindo nacionalmente.

Com idas e vindas durante os anos, o movimento na cidade vem ganhando nova roupagem e rostos diferentes. A periferia só cresce e precisa ter voz!

Batizada como 'nova onda' do hip-hop piauiense, as diferentes personagens que apontam na cena estão com sua voz cada vez mais alta, cortando as ruas da capital planejada.

Nessa nova leva, cheia de perspectivas, João Victor Carvalho iniciou sua incursão através do *graffite*, com o grupo NarcoCrew. Foi a partir dessa junção de pessoas e das voltas para marcar as ruas em xadrez que João Victor Carvalho se fez.

As dificuldades nunca permitiram ter a cabeça de um menino, porém o sorriso continua. Logo após, veio o contato com a Casa do Hip-Hop, também localizada na zona Sul de Teresina, no conjunto Parque Piauí.

Com uma sede, os quatro elementos da cultura encontraram ali um alicerce. No local ocorrem os treinos, ensaios, atividades e é ali que *MC's* se encontram para gravar.

As batalhas de *MC* começaram a despontar em Teresina depois de algum tempo em um estado de hibernação. Rimar improvisado e as técnicas que essa atividade requer fez com que jovens das diversas zonas de Teresina vissem uma oportunidade de mostrar para o conjunto da população aquilo que tinham para falar.

E muito havia a ser dito.

Preencher espaços da paisagem urbana, que foram esvaziados pelo poder público, é a sacada que faz com que as ações se movimentem. Da ideia de realizar uma batalha no lugar central da cidade, surgiu a *FreiStyle*.

Na roda de amigos, discutindo sobre esse potencial espaço, a avenida Frei Serafim, principal centro de confluência de Teresina, foi apontada como o local mais indicado.

Da maturação dessa ideia e sua realização, já se somam 11 edições da batalha no período de um ano.

“O objetivo sempre foi integrar na *FreiStyle* os quatro elementos. Demonstrar a harmonia que há entre eles e, eu queria que isso ficasse bem claro. De lá pra cá, a batalha têm sido cada vez mais um grito de resistência”, é dessa forma que João Victor Carvalho enxerga o evento que ajuda a construir.

Em seu quarto, todo grafitado, com roupas espalhadas num varal feito de fio elétrico, planeja os próximos passos.

O trabalho em novas músicas e ações se constitui passo por passo.

Sempre progresso

Quatro de janeiro de 2019. João Victor lançou o web clipe de seu primeiro som, disponível no YouTube. A faixa leva o nome “Progresso”. Nela, a vontade de movimentar-se e sair do lugar imposto socialmente são latentes. Ali, João transmutou-se em Real Narcoliricista. A tradução do vulgo remete ao sentido da formação de mentes e perspectivas que o hip-hop é responsável por fomentar.

O real hip-hop trafica literatura. É o sentido denotativo do vulgo.

Quatro meses depois, as possibilidades ampliaram-se com o lançamento do *EP*. Cantar a sua realidade é o que o motiva. A necessidade de expressar o cotidiano vivenciado faz com que os olhos rápidos percebam o ambiente ao redor.

O horário de ida para o show estava próximo e João prontamente foi se arrumar. As três músicas que comporiam o repertório naquela noite ecoavam nas calçadas da rua 21 de Abril.

Flamenguista como é e, aproveitando a sequência de vitórias e alegrias que o time proporcionava até o final de 2019, cobriu-se com o “manto rubro-negro”. Na saída, percebeu que estava sem o boné. Impossível sair sem ele. Após dez minutos de procura, o dito cujo finalmente apareceu. Um olhar para dona Aline mostrava que estava de saída. Planejamentos ainda seriam feitos nesta noite. A caminhada para mais uma noite de busca por cantar a vida.

Começou.

**Este livro é uma obra coletiva, de caráter público e de livre
reprodução, mediante citação do organizador e autores.**

Teresinenses

[Orlando Maurício de Carvalho Berti \(org.\)](#)

Autoras e autores:

Aline Maria Silva Sousa
Ana Laís Silva Carvalho
Andressa de Sousa Carvalho Silva
Antonio da Silva Venancio
Arnaldo Alves da Costa Júnior
Clayton Gomes de Deus Filho
Daniel Victor Oliveira Pessoa
Francisco Luanderson Rodrigues Lima
Glenda Alves dos Santos
Jonas Carvalho de Oliveira
Liane Karollayne de Sousa Cardoso
Paulo Rogério Batista de Souza
Priscila Fernanda Feitosa Fernandes
Renato Rodrigues Pereira Dias
Sebastião Pinheiro dos Santos Filho
Vanessa Ariel Martins Brito de Matos
Viviane Santos Rocha



editora.uespi.br

